

O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL

—DO—

INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO.

N.º 1.

SABBADO 7 DE ABRIL.

1860.

Quando as abelhas do Hymeto pousavam nos labios do divino Platon, deixavam-lhe talvez algum laivo dourado de mel, mas nunca o feriam; si por um prodigio de mecnica este KALEIDOSCOPIO se pudesse transformar em abelha, e pousasse nos labios do amavel publico, talvez esse ente privilegiado e mal acostumado acordasse gritando de dor com medo do prologo.

Foi de certo um funesto desejo o de ter um prologo para o KALEIDOSCOPIO; foi um funesto desejo o de collocar debaixo dos auspicios da eloquencia judiciaria a innocente lanterna com que vamos procurar o homem de Diogenes.

O KALEIDOSCOPIO não vem funcionar: descontente com o advogado que actualmente tem, apparece apenas para procurar outro melhor no meio da brilhante turma dos neophytos do Direito, que se estão preparando nesta sapiente Faculdade.

E fiado nos seus futuros advogados espera sabir do tribunal, carregado não só de absolvições como até de louros.

O KALEIDOSCOPIO.

Na idade em que os mancebos romanos revestiam a toga virile deixavam os masculos exercicios do campo de Marte pelas fadigas mais serias e mais fecundas da guerra, os filhos das gerações modernas, deixando os descuidos da infancia, vão engrimir-se na arena talvez mais fertil, mais civilisadora e certo, da sciencia.

Longe, bem longe se affastam esses tempos em que despendia-se a energia intellectual da juventude nos archeologicos exercicios das linguas mortas, cujo genio, por mais sagazes que forem os seus interpretes, já mais poderá ser restaurado, nem siquer lóbrigado atravez do mysterioso véu em que as envolveram os seculos quasi mythicos da idade media.

Como é mais illustrada a educação, é tambem mais liberal a instrução de hoje. A aquella ar pesado, á aquella sisudez acanhada, ao espirito portuguez de outrora, succede o espirito brasileiro, graciosa mistura da seriedade britanica com a jovialidade que distingue os francezes e a imaginação ardente e devaneadora dos filhos da Iberia.

E' notavel a transformação que tem soffrido no Brazil os diversos elementos da civilisação que legou-nos Portugal. Para não fallar sinão no idioma, ja Castilho Antonio notou que os brasileiros não só o pronunciam com mais suavidade, como que o tem enriquecido de muitos termos novos, de muitas locuções que não são ouvidas em Portugal. O que é devido não só as differentes raças que hão intrado na composiçào

da nossa nacionalidade, como tambem á originalidade de expressão e sutaque peculiares á cada uma das nossas provincias.

Esse espirito, esse transumpto de uma nacionalidade nascente, ha de imprimir novo cunho ao pensamento do povo e ás formas litterarias das suas concepções.

Cabe a nós, aos jovens da actualidade não nos deixarmos adormecer nas molles planices de Capua; mas pormos em contribuição essa vitalidade que transborda, essa seiva energica e poderosa, para se realisar a conquista da nossa nacionalidade litteraria.

Eis ahi a idéa capital, o motivo transcendente que explica a apparição do KALEIDOSCOPIO.

Nada de infezadas dissertações, nada de indigestos calhamaços, nada de nada que em vez de aguçar o espirito ou fazer bater o coração, obrigue a cerrar as palpebras ou franzir o nariz. Nada disto terá a impertinencia de intrar as paginas desta publicação hebdomadaria.

Longos artigos scientificos achal-os-hão de sobra nos classicos. Estiradas analyses litterarias procurem-nas por essas revistas de Edimburgo, dos Dous Mundos, Peninsulares, Insulares, e Continentaes, que acachapam os prélos na Europa e nos Estados Unidos.

Nós daremos coisa mais ligeira, sem cahirmos em futilidades; mais leve, porem de alguma substancia; mais no gosto da epocha toda jornalística de hoje, sem guindarmo-nos aos requintes do pedantismo.

Sic nos Deus adjuvet.

Uma observação final e muito do interesse da redacção.

Discutirá tambem politica, sem que represente nenhuma das suas extremadas côres, como se entende hoje: nem terá cazaca bordada, nem farda dictatorial, nem boné vermelho de republicano. Aceita tudo que é sensato, tudo quanto é progresso amadurecido pelo estudo das necessidades da civilisação.

Mas, por Deos, não n'ò baptisem de atheu, pois será flagrante e clamorosa injustiça chama-lo de atheu, quando elle uzar da mesma moderada liberdade nos assumptos religiosos, de que provavelmente tambem se ha de occupar.

Somos rapazes, somos livres.

Acima de nós só conhecemos Deus e a lei.

S. Paulo, 7 de Abril de 1860.

† †

ACTA

DA SESSÃO MAGNA DA INSTALLAÇÃO DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO, AOS 23 DE OUTUBRO DE 1858.

Presidencia do Exm.^o Snr. Conselheiro
Amaral Guryel

(DIRECTOR DA FACULDADE DE DIREITO).

Às 7 horas da tarde, achando-se presentes para mais de 50 Socios, o Ex.^{mo} Sn.^r Presidente declara aberta a Sessão, pronunciando por essa occasião um brilhante discurso, louvando a generosa ideia da creação de uma sociedade de lettras, devida aos esforços e constancia dos Academicos.

Em seguida teem a palavra o Sn.^r Marcondes, orador do Atheneu Paulistano, Carvalho de Rezende—da Ypiranga, Martins Pereira—do Ensaio Philosophico, Carramanhos—do Culto á Sciencia, trazendo cada um sua palavra de animação e de fraternidade ao Instituto Academico, por se propôr a um fim tão util, como o de ajudar os estudos scientificos dos Academicos, reunindo-os em torno dessa ideia.

O Sn.^r Tavares Bastos em nome do Instituto, desenvolve quaes as vistas dos fundadores, o impulso que a nova Sociedade pode dar aos estudos juridicos, e pede aos Sn.^{rs} Socios presentes que não desacoroçoem do seu futuro, embora seja a sessão de installação despida de pompas e de flôres, que merecia, si a simplicidade e a modestia não fossem proprias de uma Associação, que só se deve recommendar pelos seus feitos.

O orador conclue agradecendo as amistosias palavras dos oradores das outras Associações, que se mostraram tão benignas ao convite do Instituto, enviando-lhe por seus órgãos—a sua saudação de irmans sinceras.

A sala se achava preparada modestamente mas esparzindo o perfume das flôres que a mão cuidadosa do Sn.^r D.^r Ferrão arranjára em delicados ramalhetes.

Às 8 horas o Ex.^{mo} Sn.^r Presidente levantou a sessão.

Sala das Sessões do Instituto Academico Paulistano, aos 23 de Outubro de 1858.

Servindo de 1.^o Secretario,

Emilio Valentim Barrios.

O «Regenerador», a Religião e a Opinião.

I.

Ainda não são concluídas nem de leve sentidas as consequências dos ultimos successos da Italia, apesar das conjecturas, das combinações e dos calculos dos jornalistas, politicos e publicistas europeus, apesar dos esforços das brochuras para illustrarem a opinião publica á respeito das decisões que tem de dar o Congresso annuciado para este anno.

O que de mais provavel se pode pensar, o que de mais certo esperar, é que o poder temporal da Sancta Sé não sahirá illeso das commoções por que tem passado desde o primeiro brado soltado por Lutero contra as exageradas pretenções e illegitimas posses da Côte de Roma.

Esta expectativa, que mais ou menos desenha a situação dos espiritos no além-mar, tem consternado o mundo catholico, á ponto de arrancar energicos protestos contra os escriptos d'aquelles que, reclamando pela independência das Romanias, precipitam a ruina do Papado. Do sul da França ao norte da Russia, do cabo Horn á ponta de Barrow estremeceu o catholicismo ao grito de alerta que soou nas abobadas de S. Pedro. Então lançaram-se brochuras contra brochuras, atiraram-se pamphletos contra pamphletos, crearam-se jornaes, trocaram-se notas, redigiram-se circulares, e a agitação continúa crescente.

Foi publicada, não ha um mez, a eloquente pastoral do Arcebispo da Bahia, datada de 16 de Janeiro, em que se expõem os temores do catholicismo sobre o desfecho das futuras conferencias do futuro Congresso. A Igreja brasileira que tão assignalado zelo tem merecido de Pio IX, despertou do seu lethargo, e associando-se aos paizes catholicos da Europa, entrou em combate.

O *Noticiador Catholico* da Bahia era até aqui talvez o unico organ da religião do Imperio. Não tardou, porem, que uma nova maquina de guerra fosse posta em contribuição e ao serviço da Igreja. O *Regenerador* entrou na liça energico, mas impaciente; observador, mas pessimista; ultramontano de coração, dogmatico em sua arrogancia, sombrio em seus pensamentos, habil nos manejos da sua logica, habilissimo no bem apurado de tão boa penna.

Em vez de ferir directamente a questão do dia, o *Regenerador* apalpa os animos, prescreta com olhar indagador a ancia ou a indifferença com que são acolhidas as noticias trazidas pelos paquetes, relativamente á questão catholica: sem discutir, anima, entretanto, as discussões com a exposição *ex-cathedra* do seu modo de encarar a actualidade: prepara os espiritos chamando o interesse sobre as necessidades do clero brasileiro, e identificando a religião com a historia e os destinos politicos do paiz, vibra com adestrada mão a corda sensível da porção illustrada dos cidadãos.

Isto feito, o *Regenerador* ha de ser lido. Mas conta elle com prospero successo?

Não discutirei a parte politica do *Regenerador*. Direi mesmo que abraço de coração suas idéas. Não ha quem desconheça os funestos effeitos que accarretou ao paiz a terrivel conciliação, com que o illustre Marquez de Paraná pretendeu serenar os animos, para, com sua palavra poderosa, com o accento varonil de suas convicções, fazer surgir novo estado de cousas d'esse cahos profundo em que as encarniçadas luctas dos partidos iam atirando a politica e inevitavelmente o futuro do paiz. Ninguém desconhece que a opinião publica é o supremo poder, a mola real dos governos representativos, e particularmente das monarchias constitucionaes. Ninguém desconhece, em fim, a palpitante necessidade do contrapeso dos partidos, do embate das opiniões, da critica da administração, da inspecção individual da marcha dos publicos negocios, — luctas essas todas, d'onde só pode brotar a luz da verdade.

Sahindo do campo da politica geral, é tambem geralmente reconhecida a precipitação com que foi planejada, discutida e sancionada a celebre Lei dos circulos. E não menos evidentes são os perigos que corre o paiz nas epochas de corrupção e venalidade, de fraudes e de crimes, das eleições.

Até aqui reconhece-se uma das magnificas pennas que redigiram o *Tres de Maio* e apressaram a queda do gabinete Olinda.

Até aqui são os principios da liberdade e da soberania popular garantidos pela ordem e o prestigio da autoridade.

Até aqui é o *Regenerador* o echo fiel d'aquelles que se dão ao trabalho de meditar sobre a situação actual e futura do Brazil.

Até aqui tambem applaudimos todos aos bons desejos, ao bom senso e aos bons sentimentos do *Regenerador*.

No que toca, porem, aos assumptos religiosos é que não sei si os catholicos sinceros e amigos da verdade porque é verdade, terão coragem e pachorra para acompanhar o *Regenerador*.

Quando se propalam á face do paiz principios que não estão em harmonia com a sua civilisação, idéas que não trazem accordo com a sua dignidade, embora essas idéas e esses principios não caem no espirito do povo, embora esses principios e idéas não possam concorrer para a perversão do bom senso popular, creio que é de todo bom patriota protestar contra elles, fazendo sentir, ao estrangeiro quando menos, que não é esse o modo de pensar do paiz.

Eis o que move minha penna no elaborar d'estes artigos, em que irei discutindo algumas questões palpitantes da actualidade, que aventadas, examinadas, e esmerilhadas na Europa repercutem na opinião do paiz e precisam estudar-se com calma e imparcialidade.

9 de Março.

† †

EDUCAÇÃO.

PREFACIO AO LIVRO «EXERCICIOS DE COMPOSIÇÃO»
PELO SR. DR. JOSÉ TELL FERRÃO

Querer que um povo percorra em um dia a escala inteira do progresso é ambicionar o impossivel.

Descrer da civilisação brasileira só porque nossa patria não se veste ainda de todas as galas do seculo XIX, é não ter o dom de esperar, é não confiar na lenta elaboração dos tempos.

Assim como as auras da manhã derramam por sobre campos incultos sementes cahidas dos arbustos de outros campos; assim as idéas de independencia e liberdade, ao pou-sarem em nosso paiz, traziam consigo o poderoso incentivo de todo o genero de melhoramentos. Sobre o chão da velha cidade erguera-se, como por condão de fadas, um resplandecente edificio de marmore branco. O encantamento deslumbrara a todos. A magia da nova appareição deu-lhes uma alma nova.

Uma vez impellida, a machina social devia de rodar pressurosa em demanda da vastidão do horisonte. As grandes difficuldades e os pequenos impecilhos, se obstruiam os caminhos, não lhe tolhiam o movimento. Não ha-

via de baquear no primeiro recontro quem trazia por legenda este distico solemne:

*Salvá
Libertate, potens!*

(LUCANO)

Não baqueou, não. Haverá por ventura quem profira o contrario? Nossa historia contemporanea é uma bella amostra dos triumphos do progresso. A politica nacional conquistada de dia em dia louros mais brilhantes, tropheos mais ricos. Aclimam-se as sciencias, estimam-se as letras, cultivam-se as artes; alenta-se, protege-se, florece a industria! Em fim, aqui e alli, no norte e no sul, nas cidades que começam e nas cidades de tradições, a vida se inflamma, os horisontes se alargam, as idéas recrescem, a luta se trava, o progresso caminha.

Mas, antes de tudo e acima de todos, um interesse existe que demanda sérias meditações, estudo profundo, dedicação sincera. É o interesse de que todos os interesses nacionais dependem, base da vida, condição da liberdade, lei suprema do progresso. Quero fallar da educação.

Comprehendeis um povo livre sem opinião publica, opinião sem bom senso, bom senso sem educação? Comprehendeis o palladium das liberdades modernas, a Inglaterra sem tribuna, sem imprensa? e essa tribuna e essa imprensa sem a longanimidade ingleza, sem as severas tradições do espirito nacional! E esta moderação valente e sagaz, tenaz e resignada, quem a deu a Chatam, a Wilberforce e a Burke? A educação, o genio severo da educação ingleza!

Nos habitos e nos costumes de um povo se lêem os hyeroglyphos de sua historia. A educação faz a physionomia do povo; ali a sua feição, ali a sua grandeza, ali a sua vida. Ella é certamente a verdadeira fonte das desgraças e o manancial das venturas.

Uma reflexão, por ligeira que seja, enxergará a verdade destes principios em relação ao nosso paiz.

Tres elementos influem no animo dos fillios do sólo brasileiro: as idéas do passado, incarnadas nas recordações, tradições e até no fanatismo da era colonial; — a escravidão, enxerto esteril, herva parasyta, que deixa por toda a parte um vestigio de sua negra passagem; — e, finalmente, as aspirações por um futuro que se antevê por entre a dubia luz do presente e que anciosamente se deseja.

Destes elementos o terceiro sómente traz

no seio a flor da esperança. Os outros matam, os outros morrem. Ora, a quem, senão á vigilancia da educação, aos melhoramentos da instrucção, deveremos nós o triumpho do principio de vida e o exterminio completo dos germens de podridão ?

Como por toda a parte, na educação reside a solução do enigma brasileiro. É um problema nacional, é uma questão de hoje e de hontem, do rico e do pobre, do pensador e do estadista, da tribuna e da imprensa. Corramos, pois, corramos nós tambem á prégação da nova fé, cuidemos de suas victorias, fallemos de seus triumphos, pensemos em seu futuro.

E que victorias, que triumphos, e que futuros não reserva a educação á nacionalidade brasileira ! Quando sua voz fizer-se ouvir por toda a extensão de nossas terras, e em todo o seu vigor, as derradeiras muralhas do tempo colonial cahirão em ruinas, e a escravidão soltará os ultimos arrancos da hora extrema.

Mas todo o problema social é como o labyrintho da fabula. Se não fordes attentos, pasmais diante a apparencia ; um pouco de bom senso, porém, alguma reflexão basta para desvendar o mysterio. Na verdade, na questão que nos occupa, se muitas são as difficuldades, muitos são tambem os meios de resolvê-las.

Com effeito, a educação, e a educação intellectual sobre tudo (de que com particularidade nos occupamos neste escripto), é mais ou menos proveitosa, mais ou menos rapida na proporção dos methodos empregados e dos processos seguidos.

Se, abandonada á rotina, como desgraçadamente em nosso paiz, a instrucção se recebe pelo methodo individual, pelo ensino de per si, não se conseguirá nunca um desenvolvimento satisfactorio. Se, porém, emprega-se o ensino mutuo ou o methodo simultaneo, a cousa varia, os resultados são outros. Da applicação das idéas pedagogicas de Lancaster ou de Jacotot, de seguir-se a rotina ou a experiencia dos eruditos, procedem consequencias differentes.

Não é só isso. Mesmo quando o methodo é bom convem attender aos processos mais apropriados e mais breves. Supponhamos, por exemplo, o estudo das linguas : se executaes os processos de Robertson com a intelligencia de seu systema colhereis n'um dia o que outros só darão em mezes. A rotina de nossos velhos mestres no ensino do

latim produzia em annos aquillo que hoje se obtem em dias.

Parece claro, pois, que é uma condição vital a boa escolha do methodo e a do processo. Insistamos nesta idéa, porque ella é a explicação do livro que temos a ventura de apresentar ao publico.

Quando, ainda nas aulas de instrucção primaria, o menino tem adquirido já os rudimentos das lettras, cumpre desde logo fazer que seu espirito se dobre ás exigencias da arte de fallar e escrever, que sua intelligencia comece de vestir-se de uma fórma bella, que suas idéas se traduzam por expressões elegantes. E eis porque :

Os monologos do pensamento não dizem nada ao mundo social. A alma tem um éco, a palavra : viver é fallar. A palavra é o mais bello dos sons : a arte de harmonisar estes sons é porventura a mais bella das artes.

Em todo o tempo, e por toda a parte, o estylo é um condão de immortalidade. Imaginaes por acaso um heroe grego sem esse dom magnifico de fallar como Domosthenes, de escrever como Platão ? E, se eu vos digo que a grande causa da civilisação brasileira luta com os prejuizos do passado e os horrores da escravidão, duvidareis acreditar na necessidade palpitante que sentimos, os brasileiros, de fallar e escrever bem ?

O estylo, repito, é um condão de immortalidade : elle é que assentará o molde de nossa futura grandeza ; a elle estão reservados o combate e os leuros, a pejeja e a victoria. Escrever n'esta sonora lingua lusitana com aquella serenidade, fluencia e graça dos versos de Camões ! fallal-a com aquella gravidade de Vieira, ou antes com a meiguice de Fr. Luiz de Sousa !

Sim, ao estylo está reservada a victoria. Foram-se já os dias de simplicidade. Aquelle tempo em que podiam-se *arrastar montanhas* com a grandeza da idéa só não é o nosso tempo. Hoje a idéa é tanto mais poderosa quanto mais bella a phrase. A elegancia dos vestidos esconde os defeitos do corpo, realça os encantos das fórmas. Foi-se a idade feliz em que a palavra grosseira de um barbaro podia levar o lume da convicção até o senado do povo romano !

Ora, o verdadeiro gosto no fallar e no escrever não se obtem n'um dia : é obra do estudo lento. Esse estudo, pois, ha de começar desde logo os primeiros ensaios na carreira das lettras. N'isto, como em tudo, o mestre nada mais tem que fazer senão acompanhar o espontaneo desbrochar da nature-

za; porque, como diz Fénelon, *il faut se contenter de suivre et d'aider la nature*. Eis como:

Nos collegios dotados de uma direcção regular, quero dizer, nos estabelecimentos dignos desse nome que honram a civilização da Allemanha, França, Inglaterra, e Estados Unidos, um dos preceitos que incumbe aos discipulos adiantados nos conhecimentos rudimentares é apresentarem em dias designados composições escriptas sobre um assumpto dado. Taes composições, verdadeiros ensaios na difficil arte de escrever bem, acompanhadas de recitações oracs, improvisos e outros exercicios analogos, explicam a existencia de tanto escriptor e orador eminente naquelles abençoados paizes. Em nossa terra, porem, não se pratica isso; e podemos asseverar com vivo pezar que muito reitor de casas de instrucção por ahi existe que nem disso tem noticia.

Felizmente, porem, o illustrado e devotado director do collegio Ypiranga desta cidade, o Sr. Dr. José Tell Ferrão, tem sabido protestar, por seus benemeritos esforços, contra uma situação tão deploravel. Com effeito, o processo das composições escriptas, o das recitações e outros são empregados naquelle estabelecimento desde sua installação, isto é, ha mais de dous annos. Nos sabbados os collegiaes teem cada um o seu escripto, ou recitam alguma elegante poesia ou pedaço em prosa: o professor ouve-os attento, analysa-os, corrige, emenda. É um poderoso estimulo.

Não é só. No intuito de fazer que os meninos se convençam de como é facil escrever bem havendo perseverança e cuidado, o proprio mestre, o Sr. Dr. Ferrão, impunhasse o onus de tambem ler-lhes na reunião de cada sabbado algumas paginas escriptas por seu punho e adaptadas ao fim. Além de produzir a convicção de que fallavamos, este processo do Sr. Dr. Ferrão tinha a grande e inestimavel vantagem de mostrar aos meninos que o mestre não se peja de trabalhar com elles e como elles; que, ao contrario, folga de conviver com seus discipulos. É uma animação nova, é uma impulsão mais.

Se a idéa de um processo tal fôra feliz, seus resultados excederam de muito a expectativa do dedicado pedagogo. O Sr. Dr. Ferrão teve occasião de observar que os meninos progrediam assim por um modo muito lisongeiro. Em vista disso alguns amigos instam com o Snr. Dr. Ferrão pela publicidade de tão precioso trabalho. A bondade

do professor annuo ao pedido: o presente livro é a collecção das composições lidas até hoje aos discipulos do collegio Ypiranga.

Que resultado, porém, produzirá este livro e a quem se destina?

O livro é uma amostra para os directores de estabelecimentos de igual natureza. Este pequeno folheto demonstra a necessidade de insinuar-se no animo dos meninos desde logo a infancia a grande arte de escrever. Mostra sobretudo quão facil é aos mestres cheios de bons desejos abrir a seus discipulos a brilhante carreira da eloquencia. A leitura do presente volume indicar-lhes-ha o processo que se hade seguir nesta materia.

Na verdade, de caso pensado, esforçou-se o Sr. Dr. Ferrão por escrever sobre assumptos variados, sem ligação nenhuma, como esparsos, e sobre tudo n'um estylo mais variado ainda. Aqui vereis o elogio da sciencia; é uma pagina brilhante de imagens e plena de idéas. Alli, um brinco de imaginação, um sonho delicioso, em que se afigura ao mestre vêr seus discipulos nas mais elevadas posições sociaes, nos fastigios do poder, nos mundos da gloria. Ora, narram-se as travessuras de um menino da rua. Ora, falla-se de moral n'um discurso edificante. A Biblia, Camões e Gonçalves Dias, repetidas vezes citados, illustram escriptos tão apropriados á educação primaria.

A leitura do livro é o seu melhor elogio. Ninguem por certo ajuizará de toda a extensão de talento e da muita illustração do seu autor por estas poucas e faceis paginas; mas os mestres dedicados a seu sacerdocio encontrarão nelle um auxilio poderoso: se forem justos, dirão como Quintiliano: *Illis quoque habenda gratia, per quos nobis labor detractus est.*

A publicação de escriptos como este é uma novidade em a nascente litteratura brasileira. É como um protesto contra o entorpecimento de nossos maiores, é uma voz que desperta, um brado que anima, uma luz que allumia.

Aquelles que sentem profundamente a deficiencia de nossos recursos, que aneiam um progresso rapido, que se extasiam na contemplação dos primeiros passos que temos dado seguros na carreira das letras, os homens da éra nova, do movimento novo, applaudem e hão de applaudir a sincera dedicação daquelles que fazem de sua vida um esforço continuo, que são o amparo da infancia, a protecção dos filhos do povo, o esteiço da educação nacional, essa fonte do pro-

gresso, condição do futuro, *magna parens*
das nações!

A. C. TAVARES BASTOS.

S. Paulo, 10 de outubro de 1858.

*Contribuição do Exm.^o Sr. Dr. José
Bonifácio d'Andrada e Silva.*

Na Serra do Cubatão.

Em leito de pedras cascata gigante
O corpo distendes no teu resomnar;
A luz te rebenta da escama brilhante
Em chuva de per'las, subindo p'ra o ar.

Na esteira tremenda te cobrem ligeiros
Os densos vapores que descem d'além;
Saúdam-te as aves nos cantos fagueiros,
Os ventos saúdam-te, as nuvens também!

No cimo do monte, na matta sombria
Rebôa longinquo teu grito de dor!...
Quem sabe si tremes?! — às luzes do dia
Desmaias de gozo n'um leito de amor!

No vasto concerto do val e da serra
Campeias potente, corôa-te a luz;
Penando saudades, tu tens sobre a terra
O templo no monte, nos troncos a cruz.

Mysterios que escondes — quem ha de exprimi-los?
Rasgar-te as entranhas — quem é que ousará?
Tens alma, ó montanha? — tu só de sentil-os
Torrente de prantos soltaste de lá?!...

Do vento nas azas que meigos perfumes
Do bosque trazidos bebeste, ó cascata?!
Que viço de folhas, que mimos, que lumes
Nos ceus e na terra, no ar e na matta?!

No dorso encrespado da erguida montanha
Que vagos murmurios, que magoas são estas?!
Suspiras? Soluças? — Saudade tamanha!
Aos beijos da aragem que vem das florestas?!

Oh! longe, bem longe — no vasto horizonte
Meus olhos cansados vagueiam nos ares!
Ai ceus azulados! Ai troncos do monte!
Ai sombras que dançam — lá em baixo nos mares!

Tu vives, tu vives! — não creio que morta
Sentida chorasses n'um leito formoso!
As aguas são prantos? — do templo na porta
As pedras são homens em mudo repouso!

Um dia despertos do ferreo dormir
A' luz das estrellas, ao sol que aviventa,
Gigantes erguidos — dirão ao porvir
As glorias da patria — na voz da tormenta.

1830.

O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

COMEDIA-DRAMA EM CINCO ACTOS E SETE QUADROS,

POR

*Luiz de Bivar, Salvador de Mendonça e
Belfort Duarte.*

TRES PALAVRAS.

O gosto pelos dramas de familia—esse o
mais necessario elemento da educação mor-
ral—ganha terreno: os interpretes das suas
bellezas elevam-se hoje, em que pese ás
pragas dos adoradores do barão e do cutelo,
dos punhaes e das vinganças.

Acreditamos que, por isto levados, os
autores deste trabalho encetaram-no e ter-
minaram-no, aproveitando as horas em que
nada se faz para fazer alguma cousa.

Nestas scenas por ali adiante quererá por
ventura alguem enxergar um motejo lançado
á face do quasi-cadaver da extenuada aristo-
cracia.

Entendam como quizerem as intenções
do presente drama.

O que certificamos, porém, é que todos
os que compõem esta santissima trindade
dramaturgica teem também na familia al-
guem que se ufanou de um sangue que elle
lá sabia como era: dos taes—um teve até
por graça e mercê d'El-Rei uma quarta de
aveia e tantos mólhos de feno, para susten-
to do seu particular..... rocinante.

Claro é que com a aristocracia nada teem
as vistas desta composição.

Rio de Janeiro: 2 de janeiro de 1860.

PESSOAS.

D. FERNANDO D'AVILA.
D. FRANCISCO DE MENEZES.
O CONDE D'AVILA.
JERONIMO DA GRAÇA.
EDUARDO SIMÕES.
UM MEDICO.
UM MAGISTRADO.
UM OFFICIAL DE POLICIA.
UM CREADO DE D. FERNANDO.
UM CREADO DO CONDE.

1.^o GUARDAS.
2.^o

A CONDESSA D'AVILA.
MARIA.
LUIZA.

Parentes, amigos, creados, guardas, mascaras, etc.

A acção passa-se em Lisboa, na actualidade.

Ato primado.

QUADRO PRIMEIRO.

Sala rica em casa do Conde d'Avila.

SCENA 1.^a

D. Francisco de Menezes, o Conde e a Condessa.

D. FRAN.—Estaes hoje muito triste, Jorge?

COND.—Não estou triste só, estou de máu humor.

D. FRAN.—Ah! (*A' Condessa*). E V. Ex.^a, Condessa, parece desgostosa?

CONDES.—Não é só desgostosa, estou tam bem aborrecida.

D. FRAN.—Ah!... mas porque?

CONDES.—Por causa do máu humor do sr. Conde.

D. FRAN.—E vós, Jorge, porque estaes triste?

COND.—Por causa do aborrecimento da sra. Condessa.

D. FRAN.—(*Ao Conde*). Mas si é o seu aborrecimento que vos afflige e o vosso máu humor que a aborrece, isto póde não ter fim, a não ser eu o conciliador...

CONDES.—E de que modo, D. Francisco?

D. FRAN.—Restituindo a paz e a tranquillidade ao Conde...

COND.—Enlouqueceste....

D. FRAN.—(*A' Condessa*). E ao rosto encantador de V. Ex.^a o seu sorriso amavel e engraçado.

CONDES.—Duvido que o consigaes.

D. FRAN.—Duas palavras bastam.

COND.—Duas palavras?

CONDES.—Duas palavras vossas....

D. FRAN.—(*Filando-os, depois de uma pequena pausa, ao Conde*). Meu Jorge, empresto-vos cinco mil moedas...

COND.—Heim?

CONDES.—Dicestes?..

COND.—Cinco mil!..

CONDES.—Cinco mil moedas!..

D. FRAN.—Dinheiro que me vem do Mi-
nho: algumas rendasitas que não sei no que
hei de empregar e que vos empresto por
seis mezes....

CONDES.—Este D. Francisco tem lem-
branças....

COND.—Sois um guapo cavalheiro, D.
Francisco.

D. FRAN.—(*Ao Conde*). Olhae para vossa
mulher: notae como o seu aborrecimento se
dissipou.

COND.—Realmente.

D. FRAN.—(*A' Condessa*). Olhe V.^a Ex.^a
para o Conde e veja como o seu máu humor
desappareceu.

CONDES.—É verdade.

COND.—Sois tão grande magico!...

D. FRAN.—Magico, eu! É lisonja:—e por
este preço sel-o-ha quem quizer.

CONDES.—Que boa lembrança!

D. FRAN.—Da qual não me arrependo.

COND.—E que não sei como agradecer-vos.

D. FRAN.—Deixemo-nos de agradecimen-
tos.... porque podem transtornar-me os cal-
culos.

CONDES.—Que calculos?

D. FRAN.—Vou explicar-me: a casa de
V.^a Ex.^a é a mais divertida de Lisboa, é a
unica que eu gosto de frequentar. Sem di-
nheiro não póde V.^a Ex.^a ficar aqui: ora, eu
tenho dinheiro e empresto-o. Portanto com-
pro antes um gosto meu do que vossos agra-
decimentos.

COND.—Está feito.

D. FRAN.—Mas permittam-me V.^{as} Ex.^{as}
que lhes dê um conselho...

CONDES.—Qual é?

D. FRAN.—Paguem suas dividas: desem-
penhem suas propriedades e rendas hypo-
thecadas...

COND.—Com o que?

D. FRAN.—Pois o Visconde d'Avila, vosso
irmão, não teve suas cem mil moedas de
herança?

COND.—Teve, sim.

D. FRAN.—E não tem elle tambem vinte
quatro ou vinte cinco annos?—ha cinco an-
nos que deveria ter partido para a Hespanha
afim de tomar ordens...

COND.—Não ha duvida.

(Continuar-se-ha).